
FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE: DA SOLIDÃO À INSERÇÃO

*Sonia Maria Petrocini

*Vera Lucia Taques

RESUMO

O objetivo deste trabalho é possibilitar uma reflexão sobre a trajetória e a construção da identidade do psicanalista, considerando sua formação e atuação numa cidade interiorana.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de discorrermos sobre o tema aqui proposto, gostaríamos de tecer algumas considerações que acreditamos ser importantes.

Este trabalho é uma instigação para que possamos pensar uma questão de grande relevância para nós, uma vez que diz respeito ao processo de formação em Psicanálise. Sua elaboração é fruto da experiência vivida por um grupo de alunos do curso de Especialização em Psicanálise, do qual somos integrantes.

Parece oportuno esclarecermos, neste momento, um ponto, quem sabe já ocorrido ao leitor: porque duas autoras?

Na busca de uma resposta, que fosse além do fato da escolha ter sido referendada pelo grupo, deparamo-nos com a compreensão de que a dupla escolha representa, aqui, já, uma tentativa de driblarmos a solidão.

Acreditamos que ela se refere a um ensaio ardente de nos livrarmos de nós mesmos, pois a solidão é um lugar de singularidade e de diferenças.

Parafraseando QUEROLIN NETO, 1994, "quase todos nós queremos um clube que nos aceite como sócios", ainda que busquemos sempre nossa singularidade. Porque, quando nos fundimos no outro, um ser idêntico, esse outro ser idêntico, não é outro diferente, senão ele mesmo, revela a subordinação.

Com isso, entendemos que a dupla aqui representada reflete o momento do grupo na busca da inserção.

UM PERCURSO: DA SOLIDÃO À INSERÇÃO

Um rápido olhar para o passado colocamo-nos em contato com uma trajetória árida e solitária, enquanto busca de uma formação em Psicanálise.

*Psicólogas Clínicas

- Docentes do Departamento de Fundamentos de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina.

-Mestres em Psicologia Clínica da PUC e USP.

Neste caminho, o ponto inicial se faz na escolha e realização do curso de Psicologia, especificamente, o campo clínico.

Para tanto, se faz necessário localizar no espaço e no tempo este percurso. Em Londrina, os cursos de Psicologia da UEL e do CESULON é que nos vão permitir delinear alguns aspectos importantes que desejamos apresentar neste trabalho.

Este panorama inicial remete-nos à localização da cidade de Londrina que se situa no interior do Paraná, contando então com 60 anos, cidade ainda menina e com uma história de transitoriedade de seus habitantes, portanto sem tradição.

Qual seria então a importância deste dado para o nosso trabalho?

Pensando na implantação do curso de Psicologia da UEL, remetemo-nos a uma organização curricular voltada para a pesquisa e para psicologia experimental.

Então, gradualmente foi se abrindo espaço para novas idéias e referências, entre elas, a Psicologia Dinâmica.

Com tal possibilidade, outras questões se abriram, derrubando alguns tabus e desarticulando um saber até então proibido e inquestionável.

Essas inquietações permitiram novas articulações, como a organização de um Departamento de Fundamentos de Psicologia e Psicanálise. (Resolução nº 1490/90, da UEL)

Neste momento uma questão se impõe,

Psicanálise ???

Tal realidade nos fez despertar para nossa identidade profissional.

Nesta hora uma experiência curiosa nos acontece, desejamos tanto um lugar e ao nos deparar com ele, invadiu-nos uma forte sensação do desconhecido,... que lugar é esse? E o que fazer com ele?

A criação do Departamento, fertilizada pela infiltração de nossos desejos se fez, e essa ruptura nos transpõe para o caminho da constituição da identidade.

Embarcamos neste momento na formação do cordão embrionário de Fundamentos - Psicologia - Psicanálise.

Percebemos que alguns se reconheciam somente docentes, outros Psicólogos, ou ainda clínicos, no máximo psicoterapeutas dinâmicos ou de referencial psicanalítico, jamais psicanalistas.

O caminho do saber psicanalítico à atuação profissional se deu em sua maioria, de forma silenciosa, autodidata, com crenças particulares, ou ainda através da realização de cursos e supervisões, na capital ou em São Paulo, ou mesmo através de organizações de alguns grupos de estudo, como iniciativas isoladas.

Este cenário aqui descrito se dava pela impossibilidade de realizá-los em Londrina, na medida em que UEL/CESULON não ofereciam.

Abrimos aqui um parêntese lembrando que para a implantação do Curso de Psicologia, nas duas Instituições referidas, vieram profissionais de outros Estados e poucos eram aqueles que tinham experiência, ou seja, eram recém-formados. (Cirigatto, 1987). A experiência docente e clínica foi se construindo a partir daí.

Assim, a solidão era companheira comum daqueles que se adaptavam a um novo lugar, a uma profissão e a uma formação em Psicanálise. Era necessário, então, que o surgimento de um grupo passasse, a princípio, pelo reconhecimento de uma Instituição referendada pelo saber.

Rapidamente, ao se constituir um espaço continente às idéias psicanalíticas, aos pares ou em pequenos grupos, as pessoas aos poucos se aproximaram e, com isso, iniciaram trocas de experiências, dúvidas e a ter certezas. Assim, foi possível abrir novas questões e indagações, podendo traçar caminhos menos solitários e isolados.

Nesta perspectiva, abriram-se possibilidades de novos encontros, encontros estes que se deram no curso de especialização em Psicanálise desde 1990, na UEL, ministrado por Psicanalistas do Sedes Sapientiae e, permitindo desde então a formação de dois grupos. (Resolução nº 1601/90, da UEL).

A transitoriedade do saber, a transitoriedade das pessoas que se formam na UEL e a transitoriedade dos habitantes de Londrina se confundem num mesmo instante, o instante do reconhecimento de SER, e para SER, se faz necessário ter-se um curso que agrupava esse mesmo desejo.

Por que Sedes Sapientiae?

Esse novo acontecimento faz-nos pensar sobre a importância de um saber reconhecido, que é aquele com tradição e, portanto, difundido em capitais, bem como traz uma herança de experiências profissionais que se destacam de diferentes maneiras como: longo tempo de exercício profissional, participação em movimentos históricos de envoltimentos de formação em Psicanálise.

Voltando ao espaço-interior, considerando ainda a questão da transitoriedade, percebemos que este reconhecimento não existe, uma vez que permanecemos ao longo desses anos calados, inseguros, vorazes na busca de tudo que surge enquanto possibilidade de SER.

O que fazer quando temos diante de nós somente esta perspectiva?

Que escolha temos quando não temos um caminho com opções? Na medida em que só é possível concretizá-la em outro espaço- capital?

Neste momento, outra questão se nos impõe: Se cremos que a Psicanálise se faz em grandes centros, e que nos parece inatingível no interior, então como nos reconhecer como Psicanalistas?

Tal como adolescentes na busca da afirmação do seu Eu, sentimo-nos entre a necessidade de confirmar leis que outorgam um saber e um lugar ou transpô-la para constituir uma ética que baliza uma identidade: superando dogmas, ou igrejas que sustentem uma verdade absoluta.

A entrada no curso de Especialização se deu através de um processo de seleção vivido de forma tensa e angustiada, porque tínhamos mais candidatos do que vagas.

A escolha de um grupo, neste momento, demarca uma importância por vezes traumática, confere um lugar a ser mantido por um desejo de ser reconhecido.

Esse desejo percorre caminhos desconhecidos, revelados numa resistência de ver nos como sujeito de nosso próprio saber e responsáveis pela transmissão do mesmo.

